



DEFESA

Otan reforça ajuda à Ucrânia

Aliança militar ocidental celebra 75 anos com cúpula de chefes de Estado, em Washington, e firma compromisso para deter a invasão russa. Biden discursa e declara que Putin fracassa em sua guerra

» RODRIGO CRAVEIRO

A Segunda Guerra Mundial tinha terminado quatro anos atrás, e a Europa, devastada, começava o processo de reconstrução. Foi nesse contexto que, em 4 de abril de 1949, se deu a criação da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), em Washington, com o objetivo de garantir a segurança e a liberdade de seus integrantes, por meios políticos e militares. Os 32 países-membros da Otan celebram o 75º aniversário da aliança, também na capital dos EUA, com uma cúpula marcada pela ameaça da Rússia de expandir a invasão da Ucrânia a outras nações. Há 866 dias, as forças do presidente russo, Vladimir Putin, têm bombardeado e realizado incursões terrestres na ex-república soviética.

As atenções da cúpula da Otan se voltam para os presidentes dos Estados Unidos, Joe Biden, e da Ucrânia, Volodymyr Zelensky. Enquanto o anfitrião tenta convencer os democratas de que tem condições de lutar por um segundo mandato na Casa Branca, o líder ucraniano se esforça para obter apoio militar da Otan contra a agressão da Rússia. Os dois se reunirão na tarde desta quinta-feira, quando o norte-americano pretende reforçar o "apoio inabalável à Ucrânia".

Em seu discurso de abertura, no início da noite de ontem, Biden anunciou uma "histórica doação" à Ucrânia, feita pelos EUA, Romênia, Holanda e Itália, de cinco sistemas adicionais de defesa antiaérea. Outros países-membros prometeram sistemas semelhantes, inclusive quatro baterias Patriot. "Ao todo, a Ucrânia receberá centenas de interceptadores adicionais", disse, antes de citar nominalmente Putin. "Antes desta guerra, Putin pensava que a Otan iria se romper. Hoje, a Otan está mais forte do que nunca. (...) Não se enganam: a Rússia está fracassando nessa guerra. A Rússia não prevalecerá, a Ucrânia prevalecerá." Para Biden,

Kevin Dietsch/Getty Images/AFP



chefes de Estado de países-membros da Otan posam para foto oficial durante abertura da cimeira, no Auditório Andrew Mellon, em Washington

o momento atual da história "pede uma força coletiva". "Este é um momento fundamental para a Europa e para a comunidade atlântica de nações", declarou, antes de agradecer o secretário-geral da Otan, Jens Stoltenberg, com a Medalha da Liberdade.

Uma fonte diplomática afirmou à agência de notícias France-Press que Zelensky poderá escutar da Otan o compromisso de que o processo de adesão à aliança é um processo "irreversível". Por sua vez, a agência russa TASS, ao citar o conselheiro de Segurança Nacional dos EUA, Jake Sullivan, divulgou que a Otan nomeará um representante



Joe Biden (D), depois de conceder a Medalha da Liberdade ao secretário-geral Jens Stoltenberg

especial para fortalecer os laços de Kiev com a aliança.

Para Daniel Hamilton, especialista da Escola de Estudos

Internacionais da Universidade Johns Hopkins e ex-vice-secretário adjunto dos EUA para a Europa, a maior ameaça direta à segurança

Adesão

Hamilton espera que, durante a cúpula, a Otan ofereça à Ucrânia "uma ponte para a adesão à Otan" e trabalhe para garantir que Kiev esteja pronta a se tornar membro da aliança. Segundo ele, as portas da organização sempre estiveram abertas a países europeus capazes de agregar valor à segurança do Atlântico Norte. O especialista lembra que Finlândia e Suécia abandonaram a neutralidade para se unirem à Otan em 2023 e 2024. "Essa estratégia se explica pelo fato de eles temerem uma agressão russa, que incluiu violações do espaço aéreo e marítimo, além de simulações de bombardeios nucleares contra suas cidades", comentou.

Ainda de acordo com Hamilton, a invasão à Ucrânia, iniciada em 2014, foi uma resposta ao acordo comercial que Kiev pretendia assinar com a União Europeia, sem envolvimento da Otan. "O ataque em larga escala de 2022 foi motivado pelo objetivo do presidente Vladimir Putin de conquistar terras; a aliança militar ocidental não se envolveu e nada fez para provocar a Rússia. O risco de um conflito generalizado somente viria se a Rússia escolhesse expandir sua agressão, a fim de atacar um ou mais países da Otan."

do Atlântico Norte está representada pela ofensiva russa na Ucrânia. "A invasão russa é apenas a terceira vez, desde a Segunda Guerra Mundial, em que um país ataca outro com a intenção de conquista territorial. As outras duas ocasiões foram a Guerra das Coreias e a primeira Guerra do Golfo. Em ambos os casos, as Nações Unidas intervieram", explicou ao **Correio**, por e-mail. "Dessa vez, a ONU está dividida, e países como o Brasil estão em cima do muro. Isso significa, essencialmente, que o Brasil ficou do lado da Rússia, o agressor, contra a Ucrânia, a vítima. Atitudes assim danificam a credibilidade do país e enfraquecem a ONU."

Federiga Bindi, cientista política da Universidade de Roma Tor Vergata e da Universidade Johns Hopkins, disse ao **Correio** que houve um "acordo de cavalheiros", segundo o qual a Otan não se expandiria mais para o Leste da Europa, após o primeiro alargamento ao centro do continente. "Mas, ela continuou a se expandir, até se tornar algo insuportável para a Rússia. Embora isso não justifique uma agressão contra a Ucrânia, coloca-a numa perspectiva histórica. Afinal de contas, os EUA têm historicamente ajudado as ditaduras de direita na América Latina para garantir que não haveria governos de esquerda no que consideravam o seu quintal."

Eu acho...

Arquivo pessoal



"A Otan deve apoiar a Ucrânia e fazer mais para defender suas fronteiras sem escorregar para uma guerra direta com a Rússia. A aliança assumiu um papel de liderança nessa ajuda e no treinamento militar de uma coalizão informal de países liderada pelos EUA."

Daniel Hamilton, ex-vice-secretário adjunto dos Estados Unidos para a Europa

Arquivo pessoal



"A Otan tem sido usada como ferramenta para garantir os interesses dos EUA. Esteve em todas as guerras fracassadas dos últimos 20 anos. Dessa vez, é utilizada em um confronto com a Rússia. Se prosseguir como aliança ofensiva, as consequências serão terríveis."

Federiga Bindi, professora de ciência política da Universidade de Roma Tor Vergata

Roman Pilipev/AFP



Duras críticas a Moscou no Conselho de Segurança

A Rússia foi alvo de duras críticas durante reunião de emergência do Conselho de Segurança sobre seu ataque em larga escala contra a Ucrânia, na segunda-feira, que atingiu hospitais, o que foi classificado como "crime de guerra" por uma alta funcionária da ONU. "Direcionar intencionalmente ataques contra um hospital protegido é um crime de guerra e os perpetradores devem ser responsabilizados", afirmou Joyce Msuya, subsecretária interina das Nações Unidas para Assuntos Humanitários. Pelo menos 38 pessoas morreram, incluindo quatro crianças, e 190 ficaram feridas durante os ataques com 40 mísseis, que tiveram como alvo vários vilarejos e cidades ucranianas. O embaixador ucraniano na ONU, Sergiy Kyslytsya, acusou a Rússia de "atacar deliberadamente aqueles que talvez constituem a população mais vulnerável em toda a sociedade", exibindo o que, segundo ele, são provas de um míssil de cruzeiro russo usado contra o hospital infantil de Okhmatdyt. Na foto, o médico Ihor Kolodka (C), colegas e funcionários do hospital em meio à destruição.

CORRIDA À CASA BRANCA

Presidente ganha apoio democrata, mas rebelião persiste

O presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, ganhou o apoio de importantes congressistas democratas, mas a rebelião interna persiste e o partido ainda não alcançou um consenso sobre manter o presidente de 81 anos como candidato nas eleições de novembro. O líder da minoria democrata na Câmara dos Representantes, Hakeem Jeffries, se encontrou com colegas preocupados que o caos provocado pelo debate com o ex-presidente republicano Donald Trump, no qual Biden perdeu o fio do que estava dizendo várias vezes e parecia confuso, coloque em risco as eleições.

Um congressista, que falou sob condição de anonimato com a imprensa dos Estados Unidos, descreveu a reunião como "intensa". Outro disse que havia um sentimento "quase unânime" de que Biden deveria passar o bastão nesta corrida. No entanto, na reunião plenária do partido realizada mais tarde, houve indícios de que Biden ganhou terreno. Vários parlamentares declararam sua lealdade ao presidente.

Jerry Nadler, democrata de maior patente no Comitê Judiciário da Câmara, o apoiou, apesar de relatos da imprensa indicarem que ele recentemente sugeriu que

Kevin Dietsch/Getty Images/AFP



Hakeem Jeffries, líder da minoria democrata: pela unidade do partido

o presidente deveria abrir caminho para outro candidato. "Ele disse que vai continuar (na corrida), ele é nosso candidato e todos vamos apoiá-lo, espero que todos apoiemos", disse a jornalista.

Biden comprometeu-se a finalizar um segundo mandato se for reeleito, afirmou sua porta-voz, Karine Jean-Pierre. A assessora acrescentou que ele recebeu o apoio de grupos de legisladores afro-americanos e hispânicos, bem como de parlamentares da ala progressista como Alexandria Ocasio-Cortez. "No momento, o presidente Biden é o candidato e apoiamos o candidato

democrata que derrotará Donald Trump. É um fato", declarou o congressista Peter Aguilar após a reunião dos democratas da Câmara.

"Simplesmente ele tem que renunciar", afirmou o democrata Mike Quigley, da Câmara dos Representantes, à emissora CNN. A crise tem causado agitação no partido quando faltam menos de quatro meses para as eleições. "Não acho que já estive em um ambiente político mais complicado em minha vida", reconheceu o senador John Hickenlooper em um café da manhã de trabalho para a cúpula da aliança militar Otan.